

## Elaborando uma HQ de Maria

Henrique Magalhães

Há pouco recebi de um amigo um link para um vídeo de Silas Malafaia no YouTube com campanha difamatória contra a candidatura de Guilherme Boulos, para a prefeitura de São Paulo. De quebra, o pastor ataca toda a esquerda - PSOL, PT, PCdoB, PSB, PDT - associando-a ao fracasso da União Soviética e a valores anti-cristãos. Meu amigo propôs que eu assistisse ao vídeo e denunciasse-o, para que o mesmo fosse retirado do aplicativo, o que realmente fiz.

Mas isso, creio, não elimina todo o compartilhamento se o vídeo tiver sido baixado e muito menos desdiz o conteúdo deletério. Esse foi o gatilho que me fez pensar um argumento para uma página de Maria. Era preciso dar outra visão do tema, apresentar o contraditório e desqualificar o discurso maniqueísta.

Para a criação das pranchas de Maria, uma das estratégias que uso é nunca citar a pessoa a quem procuro criticar. Dar nome é de certo modo dar legitimidade, reconhecer o sujeito do discurso, dar-lhe notoriedade, ainda que em oposição. Há sempre quem vá concordar com ele, admirá-lo; nomeá-lo reforça, em alguns, o sentido de veneração.

Ao abordar o discurso sem a autoria explícita, parto par o nível da abstração, para a análise e proposição de ideias, o que diminui o engajamento e as paixões. Aos que concordam com a crítica, há um reforço por simpatia, aos que discordam, semeio um pensamento diferente, dialético, desvinculado de suas convicções.

---

Henrique Magalhães é Professor Titular aposentado do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, e autor de *Maria*.

A questão levantada de forma pejorativa pelo vídeo é o socialismo, apresentado como um sistema autoritário, incompetente e anti-cristão. Esse é o ponto a se trabalhar. A ideia é propor outra visão sobre o socialismo reforçando seus pontos positivos. Este é o tema, vamos ao argumento.

Maria encontra Zefinha, que chega indignada repetindo o discurso anti-socialismo que ouvira. Maria apresenta-lhe várias características positivas do socialismo, às quais Zefinha se esmera em concordar. Ao final Maria retruca que, portanto ela é socialista.

O argumento é o esboço geral da obra, que ainda deve se trabalhada em diálogos e expressões gráficas. Nesse esboço já temos a gag - a piada -, o toque inesperado que gera o humor: a contradição do discurso inicial de Zefinha com a constatação final, de que também é socialista, descobrindo que o termo é manipulado com pretexto ideológico.

A estrutura das pranchas de Maria conta com no mínimo três quadros, sendo que o primeiro, que traz o título, quase sempre se apresenta como quadro único, panorâmico; os demais podem ser divididos em dois ou três quadros cada, dependendo da quantidade do texto e da necessidade do desenvolvimento gráfico. De preferência, o último quadro também deve ser único, para dar mais ênfase ao desfecho e trabalhar melhor as figuras e o cenário.

Para essa prancha vamos pensar no seguinte roteiro (diálogos mais indicações ao desenho):

Título: Nós também

Quadro 1 (panorâmico):

Título

Maria água uma planta no terraço quando entra Zefinha esbaforida.

Zefinha: Esses socialistas vão acabar o país, são autoritários, fracassados, anti-cristãos!

Quadro 2:

Maria: Ah, tá! Seu pastor é um impostor.

Maria: você quer o fim do racismo, do machismo, da homofobia?

Zefinha: Claro!

Quadro 3:

Maria: Que tal casa digna para todos, salário justo, saúde em dia, tranquilidade?

Zefinha: Quem não quer?

Quadro 4 (panorâmico):

Maria: Eis mais uma socialista!

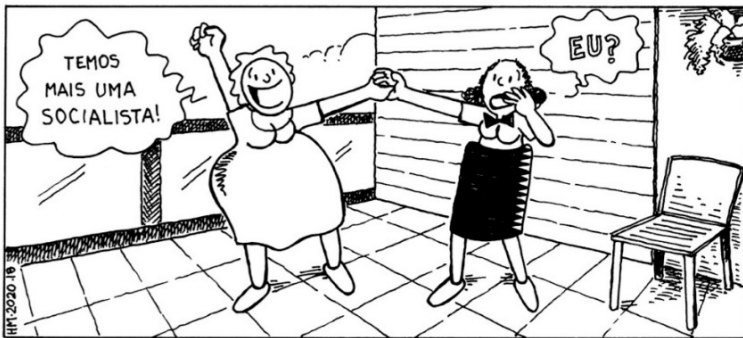
Zefinha (surpresa): Eu?

Durante a elaboração da página é possível que essa estrutura mude. A criação é um processo de acréscimo e seleção de informações. Mesmo com o roteiro pronto, ainda mexo no texto para que se adeque à estrutura da prancha e passe melhor a ideia.

O texto deve ser disposto de modo que não fique muito concentrado em um balão. O uso de vários balões facilita a leitura, dá ritmo e fluidez ao texto. O primeiro e o último quadros devem ter as figuras com corpo inteiro, valorizando o cenário. Os quadros intermediários dão destaque ao texto, as figuras aparecem maiores, da cintura para cima.

Esse tipo de prancha, que chamo de tira ampliada, segue a formulação da tira humorística. Há uma introdução ao tema, o desenvolvimento do texto e o desfecho com o contraditório ou o inusitado. Decidi por produzir pranchas e não tiras porque a primeira favorece mais ao desenvolvimento do texto e à elaboração do desenho. Por outro lado, continua sendo uma história em quadrinhos sintética, de leitura rápida e apropriada à circulação nas mídias digitais.

Assim ficou a prancha de Maria depois de desenhada e arte-finalizada:



Nota-se que durante o processo de criação gráfica alguns textos dos balões foram modificados. O primeiro texto foi dividido em dois balões. No primeiro balão, onde se lê a fala de Zefinha “Esses socialistas vão acabar o país, são autoritários, fracassados, anti-cristãos!”, leia-se “Esses socialistas querem acabar com o país...”. O segundo balão não começa com “são”,

vai direto para “autoritários, fracassados, anti-cristãos!”. Essa sublimação do verbo reduz o texto e não prejudica a compreensão da mensagem, ficando o sujeito e a ação ocultos.

No segundo quadro também houve redução de texto, agora perdendo a interjeição coloquial “Ah, tá!”, ficando apenas “Seu pastor é um impostor!”.

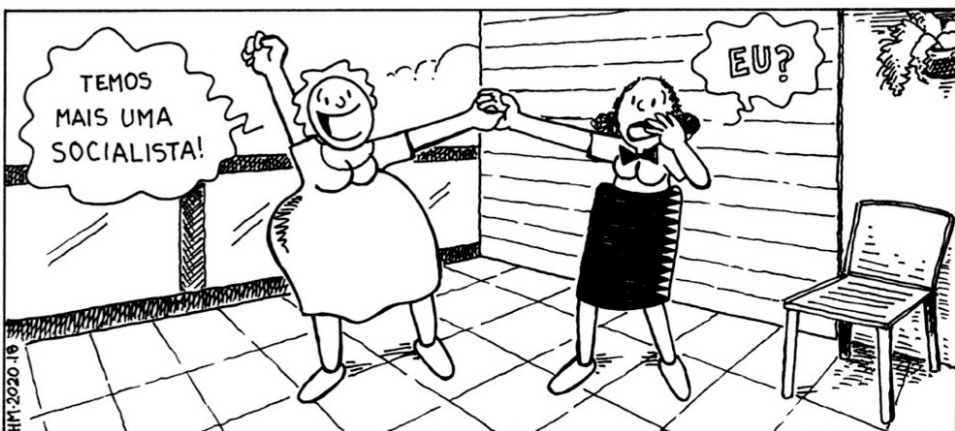
O terceiro quadro apresenta também alteração com o objetivo de deixar o texto mais enxuto e direto. De “Que tal casa digna para todos, salário justo, saúde em dia, tranquilidade?” Ficamos apenas com “Casa digna para todos, salário justo, saúde em dia, tranquilidade?”.

Há ainda modificação no texto do quarto quadro, que passou de “Eis mais uma socialista!” Para “Temos mais uma socialista!”.

A produção desse tipo de quadrinhos é tão fértil e mutável que mesmo depois de seu compartilhamento por meio de lista de contatos do WhatsApp e email o processo não para. Segui refletindo sobre o quadrinhos, procurando uma forma de aperfeiçoar sua mensagem.

Percebi que apesar de as modificações terem dado mais fluência ao texto e interferido menos no desenho, o primeiro balão do terceiro quadro trazia dubiedade na leitura. O texto como escrito anteriormente não deixava dúvida sobre a afirmação dos valores defendidos por Maria, mas ao retirar a introdução “Que tal...”, pode ser lido como a continuação do balão anterior, com a pergunta “Você quer o fim do racismo, do machismo, da homofobia?”. Isso pode gerar um falso paralelismo semântico, já que o que Maria propõe na sequência é exatamente o contrário, não a negativa, mas a afirmativa. O balão ficou, então, com o enunciado começando com “Quer”, para não gerar dúvida.

Outra alteração nesse mesmo texto foi pensada para a substituir a palavra “tranquilidade”, que visava se referir a “não violência”. Senti falta de algo que remetesse à Educação, então substituí aquela palavra - que tinha ficado bastante subjetiva - por “educação pública e gratuita...”. Como esse texto é bem maior que o anterior, uma intervenção em todo o balão foi necessário, gerando nova composição. Veja o resultado abaixo.



HPM-2020-19

Não vem ao caso reenviar a prancha a todos os contatos, já que pelas respostas a mensagem foi compreendida plenamente. Esse processo corresponde ao perfeccionismo natural do artista, que em sua inquietação não se contenta com o trabalho aparentemente finalizado. É o processo dinâmico e evolutivo da obra, que será apresentada em nova oportunidade, quando for publicada em revista ou álbum.

Uma última questão, levantada pelo colega professor e quadrinista Alberto Pessoa, toca na escolha estética de meus quadrinhos, que são produzidos exclusivamente em preto e branco. Salvo as capas de revistas e álbuns, a utilização do preto e branco para as tiras e páginas de Maria tem a ver com o aspecto caricatural de meu trabalho.

Gosto muito do desenho bidimensional, que mesmo utilizando técnicas de perspectiva não procura reproduzir as personagens e cenários de forma realista. O desenho colorido e a estética 3D, empregados sobretudo nos desenhos animados computadorizados, tiram de certo modo a expressão mais primitiva do artista. Gosto de contrastes entre claro e escuro, da delicadeza do traço em toda a sua expressividade, ou de sua rigidez, algo que aproxima o desenho da linguagem manuscrita - da garatuja - e da estética da xilogravura.

As cores tendem a iludir, a fascinar com suas tonalidades fluidas, seus degradês, sua impressão de volumetria. Ao chamar mais atenção, acabam também por tirar a força do texto, que no desenho se apoia apenas em sua leveza ou rudeza, criando uma harmonia em que os elementos costumam não se sobrepor.

Ainda que muito longe do que considero o ideal, com ressalvas sobretudo à arte-final, o desenho em Maria tem evoluído muito nos 45 anos de existência, com diversificação em sua postura corporal, nas expressões faciais, na composição dos cenários. Outrossim, é no texto que a personagem se consolida, pela crítica mordaz ao status quo, de modo que o equilíbrio entre a força do texto com a expressão visual se completam e se ressaltam com a estética da arte em preto e branco.

Apesar de na atualidade podermos fazer circular os quadrinhos em cores pela internet em redes sociais e listas de transmissão, o que não implica custos adicionais, a escolha pela estética bidimensional e monocromática para as histórias de Maria me parece acertada, seja pelo sentimento nostálgico que engendra, seja pela tradição fanzineira que a acompanha desde o nascimento.

Nesse sentido, considero a escrita como uma das maneiras de exercitar a criação do desenho. O texto é uma caligrafia e expressa o modo como o artista lida com o conteúdo textual, mas também com os sentimentos das personagens. O texto composto digitalmente é frio, monótono, inexpressivo, já o manual, não necessariamente o cursivo, traz a personalidade do artista para a arte, transformando poderosamente as palavras, que ganham relevo, formas e tons, quando se faz necessário, como soe ocorrer com as onomatopeias. É, portanto, também uma escolha estética.

HM, 24-28/11/2020